

O REPUBLICANO

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tipografia Pires

PROPRIEDADE

DO

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

Centro Democrático Vimaranesense



JUDAS

Resolutamente abriu a porta. Cá fora, era uma noite sem estrelas e sem luar, noite de silêncio que as aves não podem quebrar, as primeiras flores desmaiam sem um perfume e os rebentos das árvores sentem escaldá-los o hálito quente, envenenador, dum vento traiçoeiro, como soprado do inferno. Nem lá em baixo se ouvia o rio. A criança adormecera. Ali ficaria no berço até que um viandante, chamado por aflitivos gritos, a fôsse tomar em seus braços para um destino incerto. Mas assim ao menos, entregue á caridade duma outra alma, seria para sua filha menos cruel a fome e não teria a amargar-lhe o leite e a códea as lágrimas da sua loucura, toda aquela febre de paixão que nem ontem a virgindade, nem hoje o desgano podiam conter no seu pobre seio de operária.

Duas vezes orfã, que importava? O amante demorara-se enquanto o seu corpo estivera fresco e pronto.

O amor é um fruto que se saboreia e se cospe. Fôra ela, seriam outras, não faltava pela aldeia moça donairoza que não apeteceesse adormecer nos seus braços robustos de brutamontes. Mas o leite de mãe quer-se puro de todos os desvarios e ela receava, supersticiosa mas energicamente, que estivesse com o sangue, devorado de desejos, ardendo num affecto desiludido e sempre caudaloso e bravo, criando aquele enfêzadito corpo de sua filha para a peor de todas as misérias. E os seus olhos alucinados, fulgorantes como a labarêda, estalando de coera e de ternura, viam a pobre Laide correndo o mesmo fadário, um lindo sonho de cânticos, flores, abraços e beijos trementes, brutalmente morto num charco de lama, ensanguentado e desfeito.

Não, ela não podia conceber que um homem, um dia, num apetite do acaso, espreitando o primeiro bocêjo de mocidade,

rasgasse naquele corpo a flôr sangrenta do martírio e calcasse naquêlo pequenino ventre o germe de mais uma desgraçada.

Ao menos, ela ia para a morte. Atrás de si ficava o mundo chacoteiro e indiferente, que, cêdo, faria conhecer á Laide o abismo da torpêsa: era uma escola. As mãis são a mentira — enchem o berço de rosas, perfumam o luar de ingenuas lendas, esmoutam os cardos, embalam, iludem, adormecem ao som de cantigas em que ha paigens e reis e lindas princesas encantadas. Quando, longe, apitasse a fábrica, nascia uma outra vida para a desgraçadita. Na códea que a sua boquita desmaiada mastigasse, teimosa, a Laide não encontraria o odio e a infinita dedicação pelo homem, ignorado caminheiro, que era seu pai, a amargura pelo desprezo das pessoas de bom porte que a olhavam como a cão tindhoso, as prugas do seu martírio, o luto, a desesperança, a loucura, porque não era do pão que ela amassava, noite alta, nas poucas horas que os patões lhe davam para dormir. Dormir!...

Chegou á beira da levada. As aguas corriam mansas como se não tivessem voz. Não vira em nenhum casal nem réstea de luz.

Era uma noite morta, uma noite da morte. Num momento, bailaram diante de seus olhos, que a previsão da agonia já lentamente apagava, as duas horas da sua vida, ligeira como andorinha, leve como uma fôlha, uma hora de alegria, moça, desejada, a melhor ao desafio nas romarias, sempre gaiteira e córada, caindo a uma pancada de sol num delíquio de amor, uma hora de tortura nas palhas do enxergão, sósinha, um ferro a cortar-lhe as entranhas, abafando os gritos, mordendo a roupa, a escorrer agua, para tomar em suas mãos o corpo viscoso da filha.

Nem um cão a uivar. A mãe chamava-a do céu.

Essa, felizmente, não bebêra daquêlo cálice. A vida deu-lhe descanso, um marido, uma choupana...

E a sua perdição não a atormentaria no céu — ah! com certeza, porque ela bem via tudo — como a havia de consumir e ralar se cá estivesse. Um instante, pensou nêle, serenamente, como se o último fio já estivesse partido na alma. Devia de estar dormindo, esbandalhadamente, sem remorsos, os musculos de toiro caídos, a roncar. Depois ergueu-se. Apanhou as saias, atou-as com o avental. Pareceu-lhe ouvir, dilacerante, o chôro da sua filha. Tinha fome talvez. Espremeu instintivamente, um seio, o outro — o leite secara. A febre do amor queimara-o. E deixou-se cair na agua funda da levada. Um momento, a agua gemeu, mas o silencio volou, pesado, na noite escura e môrna.



Vai-se a primeira pomba despedada...
Vai-se outra alada... mais outra... enfim dezanas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia, sanguinã e fresca a indrugada...

E á tarde, quando a rigida noriaja
Sopra, os pombais de nevo elas, serenas,
Rufando as asas, sacudindo as penas,
Voltam áltas em bando e em revoadas...

Tambem dos corações onde abotoam
Os sonhos, um por um, e depois voam.
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da abalaçônea as asas soltam,
Fogem... mas nos pombais as pombas voltam,
E elas aos corações não voltam mais...

Raimundo Corêa.

VÁRIA

Francisco Jácome

Era preciso entrar na sua intimidade, mas quem, alguma vez, reparasse no seu caracter, ficava maravilhado, prêso para não mais se desenlaçar, de como funcionava na probidade mais firme, no trabalho modelar e preciso, na dedicação viril, sagrada, na franqueza intransigente, no metodizar alegre e são da vida, tão equilibradamente, tão impecavelmente, sem desfalecimentos nem sobressaltos, como o maquinismo precioso dum relógio caro. Jácome era na sua profissão, que êle exercia como um sacerdôcio, um artista. A máquina era na sua mão um corpo que despia, escarpelizava, anatomizava com tanta perícia como enternecido carinho. Foi assim que aprendeu a conhecer a mocidade que tunc alegre e desprendidamente as

horas e a velhice que enferrugenta e paralisa as molas. Jácome era um matemático, uma filosofia do ambiente — compassada, reflectida como o lento decorrer dos minutos. Não aceitava dogmatismos — todas as opiniões, viessem donde viessem, êle decompunha no seu raciocínio como um problema algébrico, e, só depois de compreender, expunha rasgadamente o seu concôrdo ou não pôde ser. Jácome era uma dedicação, sempre contente e pronto a ensinar os outros. Os empregados, sentava-os á mēsa, mandava-os á Escola Industrial, estimava os, simplesmente, naturalmente, como família, dando-lhes tudo o que sabia. O seu desprendimento de todas as vaidades só pode comparar-se á sua bonomia franca. Jácome era a amizade, a mais sincera, a mais líal, a mais inquebrantavel. S'havia anos na rua de Payo Galvão ele arvorava a sua bandeira, mas o seu coração vivia embandirado e florido para os amigos. Mas Jácome era sobretudo um belo caracter. Sentimos profunda, comovidamente, a sua morte que veiu ainda pôr em relêvo, pelo seu testamento, mais uma virtude do seu espirito — a bondade, o amor cívico.

Pobre amigo — descança em paz. Transeunte — não repares nestas palavras ditas na sepultura dum monarquico, tão sentidamente, por um republicano.

Só os espiritos pequenos, que a vaidade insufla como fumo de palha um balão de romaria, não sabem distinguir. A sua intolerancia é a mascara da sua hipocrisia e o termómetro da variabilidade das suas opiniões de ventoinna.

Jácome gravou-se no coração de quem escreve estas linhas desde a mocidade: só a terra, onde êle baixou, o inditôso amigo, de lá pode arrancar a sua memoria querida.

Contraste

O homem que viu tombar, no pó dos desenganos,
As raras ilusões que esforcara esta vida,
Nas torpes bacanaes crestando a flor dos anos,
Ri de tudo, não pensa e se pensa, duvida.

No estreitamento do leão, perdido no deserto,
Mad., abstracto, contempnia a abobada infinita,
E no sibar selamador, vago, profundo, incerto,
Tem a concentração da fera que medita...

Guilherme Braga

As subsistencias

Não ha dúvida de que é uma violencia taxar o preço do milho e invadir a casa alheia para o medir e apreender nos celeiros. Mas seria um crime lançar na miséria a legião infinitamente maior dos que trabalham e não teem pão — porque o não encontram; — e da miséria no tumulto. O exagêro das autoridades é a reacção humanitária contra o exagêro dos grandes, dos ricos, dos fartos, que por uns tostões mais se esqueceram de consultar o coração e de cumprir o seu dever — um nobre exemplo de iraterandade. E de juizo.

Condolencias

Semana triste, esta semana santa, para a rua de Payo Galvão. Ali faleceu tambem o honrado e hábil industrial Luis de Pina, que deu a Guimarães uma geração de artistas. Ao Capitão Pina, militar ousado, artista correcto, jornalista de valôr, nosso muito querido correligionário; a José de Pina, excelencia de bondade, artista distinto, reitor querido do Liceu — sentidos pêsames.

Ideas e Sensações

Na linguagem da burguesia, a grandesa das palavras está na razão directa da pequenês dos sentimentos.

Religião sem sobrenatural — isto faz-me pensar num anúncio que li um destes anos num grande jornal — Vinho sem uvas.

O que é a vida? O usufruto dum agregado de moléculas.

Não se encontra um homem que quizesse revivêr a sua vida. Apenas se encontram mulheres que desejarlam revivêr os seus desolto anos. E isto define a vida.

Na provincia, a chuva é uma distracção.

A morte dos animais é humana.

O fogo! — horrivel drama, deus trágico e doce. E' calôr, luz, incêndio. Nos elementos, é o amor: aquece, ilumina, devora.

O dinheiro é a moeda falsa da felicidade.

As mulheres não teem a moral dos homens: é a paixão que lhes determina a consciencia.

Edmond e Jules de Goncourt

Ai Jesus! não vês que genio,
Que desmaio de paixão
Pelos teus olhos azues?
Que empalideço, que tremo,
Que me expira o coração?
Ai Jesus!

Que por um olhar, donzela,
Eu poderia morrer
Dos teus olhos pela luz?
Que morte! que morte bela!
Antes queria viver!
Ai Jesus!

Que por um beijo perdido
Eu de goso inorreria
Em teus nivios seios nús?
Que no oceano dum gemido
Mih'alma se afogaria?
Ai Jesus!

Alvares de Azevedo.

E É

AO RODRIGO PIMENTA.

Ha criaturas timoratas que receando pelo dia de amanhã, duvidam e descreem da victoria das tropas aliadas contra a Alemanha, deduzindo, impacientes, que esta nação é invencível. Argumenta-se que a Alemanha revela qualidades tão destacantes como as da civilização latina e sobrepõe os latinos na força disciplinada, na unidade social, nos meios de armamento e no metodo scientifico. Acompanhada e criticada a guerra pelos recursos que chegam ao nosso alcance—o noticiário, e caracterizado o povo alemão pela obra produzida que vem até nós—industrial e comercial, assim parece, em primeira análise, dever argumentar-se. Porém, esta guerra europeia apresenta uma feição e um sentido tão profundos que a não podemos discutir superficialmente em qualquer dos seus aspectos, mas tem de ser meditada nas suas multiplas formas eficientes. Nesta convulsão e entrecostar de vidas, a maior hecatombe que tem pesado sobre a humanidade, derribe-se a causa mais nobre que tem ocasionado uma guerra—a defesa duma raça e duma civilização esplendente e gloriosa em todas as suas manifestações cidadãs contra o predomínio imperialista duma casta cujos principios morais e filosóficos são absolutamente antagónicos dos nossos e cujo sistema educativo tem vizado simplesmente, durante os ultimos cinquenta anos a fomentar o odio ao resto da humanidade e a difundir o cultivo militarista, exclusivista e orgulhoso da «*Deutschland über alles*». Tenhamos o desassombro de afirmar que o povo alemão não é superior, pela raça, a qualquer dos povos com quem se bate. Diz-se que os latinos estão evadidos de vícios constitutivos, hereditarios, e que a nossa raça morre depauperada pelo esforço civilizatorio de multos seculos. Se assim é também os alemães apresentam o estigma de taras morais e fisicas, e a sua historia, longinqua como a nossa, escurece e perde-se na lenda.

Eles, como nós, fazem parte da Velha Europa. Não se trata dum povo que nasce, não é um sangue novo, não é uma civilização que surge e se impõe. O seu maior poder de coordenação e organização militar, iniciado com a unificação dos Estados sob a hegemonia prussiana, bem como a invasora *chantage* da sua industria e do seu comercio mundial de forma alguma podem representar e justificar para nós a superioridade com que a Alemanha se nos quer evidenciar e impôr brutalmente. Por sua vez o argumento da elevada mentalidade alemã, a celebre *kultur*, também não fructifica.

Porque não deve confundir-se mentalidade com militarismo.

O verdadeiro genio não tem patria: Kant, Wagner ou Goethe não pertencem á Alemanha—são vultos da humanidade. Se em vez de terem produzido a celebrada obra filosofica, musical ou poetica, tivessem vivido a proclamar o militarismo agressivo, eles não haveriam sido homens de talento, consagrados pelo mundo. Contrapôr-se-á, por outro lado, que os modernos intellectuais alemães manifestaram a apologia da guerra, abertamente, em documento publico. E' certo; e se bem que a moderna mentalidade alemã seja um tanto ou quanto um produto degenerado de fancaria banal, como

as suas industrias, certo é também que essa *élite* pode ter sido coagida pela pressão autocrática dum meio militarizado ou, ainda, não ter querido mostrar-se sincera nem coerente consigo. Exemplos semelhantes vemos a cada momento, infelizmente; até no restrito meio intellectual do nosso país eles apparecem.

Pelo que diz respeito á superioridade dos meios de acção patenteados agora no campo da luta que vemos nós? Do lado alemão—a disciplina absoluta e rígida duns milhões de homens lançados na agressão inconsciente e feroz por um megalomano sanguinario e dispondo duma completa maquina de guerra e de morte. Do lado contrario, nas armas alladas nós vemos na verdade, um menor potencial nos meios materiais, mas largamente compensado, e excedido até, por uma disciplina consciente, pela confiança na victoria, pela fé, pela coragem estoica, pela eterna ancia de liberdade! E só quem desconhece a tecnica de guerra julga que o partido que dispõe de melhor armamento é o mais forte, quando é certo que tudo depende do nivel moral e do valor combativo do elemento homem (Vide Ardant du Pic—*Études sur le combat*.) A maquina não tem alma nem vontade.

Absurdo é censurar-se a França, e duma maneira geral—os aliados, porque se tinham descuidado imprudentemente, não atendendo com maior desvelo á preparação militar enquanto a Alemanha aumentava dia a dia, metodicamente, o seu poderio ofensivo e guerreiro. A França não se armou como a Alemanha pela razão clara de que as nobres idéas morais e politicas nascidas da Grande Revolução já-mais podiam consentir, a dentro de um país de liberdade, o predomínio autocrático dum militarismo grosseiro e antagónico do espirito moderno. Os terroristas chamam a isto—o sentimentalismo da raça, a ao caso de patologia social que gerou o abêrto colectivo do militarismo prussiano chamam—o senso pratico da vida, o verdadeiro metodo scientifico do progresso. Falsa noção. Pois que pretende a Alemanha, pela boca e vontade do seu desvairado imperador, que se inculca e proclama o «Enviado de Deus»?—O engrandecimento do Imperio por uma violencia impropria dos nossos dias, pelo avassalamento dos povos e civilizações tão avançadas, se não mais do que a civilização alemã. Que pretendemos nós os latinos?—A proteção sagrada do solo, o aniquilamento do perigo, a defesa das nossas criações e tradições, dos nossos deuses patrios. Não é licito hesitar em dizer e compreender que do nosso lado está a nobreza, a razão, a justiça. Do lado contrario está a força, unicamente. Não basta. O decorrer da acção guerreira nas linhas de batalha tem-nos mostrado que—não basta a força para vencer. Mesmo sem possuir a avalanche da mecanica destrutiva, os pavorosos obuzes de 42, os submersiveis de grande tonelagem, os gazes asfixiantes, os liquidos inflamaveis, os colossais «*Zeppelins*», o aço e o fogo, mesmo sem êses recursos bestiais, eminentemente alemães, pesados, grosseiros, traiçoeiros—a França, a França heroica e rizonha, voando, leve, nos seus aeroplanos, tem-se batido cantando e tem detido resolutamente o monstro.

E' logar comum afirmar-se que os aliados se tem sacrificado á simples defesa das suas posições. Mesmo que assim fôsse (e a defensiva activa é um meio de aniquillar o inimigo) isso só vinha comprovar que mais não tem sido necessário para a derrota dos alemães. Pois não é o seu fim estrategico avançar, conquistar, dominar? Não poder progredir é já para a Alemanha, ser vencida. Mas êles serão definitivamente batidos e expulsos do territorio invadido e então a derrocada virá rapida. Não tenhamos pressa. Inquiete-se com a já longa duração da guerra quem desconhece os exemplos da Historia. Não nos preocupemos também com a onda dos morticinios: da morte nascerá uma vida mais exuberante, mais fecunda, mais forte.

E particularmente pelo que nos diz respeito, a nós portugueses, bem andamos em nos termos lançado na guerra aberta contra a Alemanha, porque—é um dever de solidariedade defender os povos da nossa raça e a esplendida civilização francesa, o grande foco intellectual da arte e da beleza, donde tomamos o nosso alimento espiritual; porque—é um dever contribuir para o avanço moral da humanidade, ajudando a aniquillar o militarismo, fazendo a guerra para garantir a paz e o trabalho; porque—é um dever realizar os compromissos que nos impuzemos por um tratado de aliança, de que não podemos prescindir e que, até certo ponto, tem sido a garantia da nossa independencia politica; porque—ninguém ignora que a Alemanha pretendia roubar-nos o nosso dominio colonial e preparava de ha muito sobre êle um golpe de mão, especialmente na nossa provincia de Angola, onde a sua acção dissolvente e a sua propaganda nefasta se vinha fazendo sentir nitidamente; porque—no caso, aliás improvavel, de que a Alemanha saísse vencedora, a perda da nossa soberania como nação independente seria, já agora, inevitavel, quer entremos de facto e acção directa na luta, quer nos conservassemos num falso e comodista estado semi-neutral; porque—só em guerra declarada teremos, no final das hostilidades, representação efectiva nos tratados da paz, onde faremos valer os nossos direitos como nação livre e potencia colonial; porque finalmente—nem mesmo da corrente conservadora de paiz algum a Alemanha pode merecer um apoio sensato, visto como aquela nação nada respeita do que é estranho, á face dos principios religiosos, da moral e dos preconceitos os mais sagrados.

Caminhemos pois sem receios infundados, tenhamos fé, tenhamos confiança na victoria, auxiliemo-nos, lutemos contra o inimigo comum. Na peor das hypothèses, é mais natural, mais logico, mais humano morrer de armas na mão, agindo, defendendo, resistindo—do que ceder com a entrega cobarde, a indiferença, a passividade humilhante. Se a fatalidade inevitavel quizer que fiquemos vencidos, morra-se ao menos de vagar, com honra, com o *panache* erguido, como Cyrano—essa esplendida encarnação do nobre espirito gaulês, esforçado e cavalheiresco.

Mario Cardozo.

LUÍS DE PINA

Morreu o honrado industrial Luís de Pina. Beirão de origem, para aqui veio rapazote ainda, tomando Guimarães por sua terra adoptiva. Amigo apaixonado das nossas melhores tradições bairristas, êle teve sempre uma palavra e um estímulo para tudo quanto fôsse pugnar pelo engrandecimento desta terra. Nas acirradas lutas travadas, há bons trinta anos, entre êste burgo e os absorventes magnates de Braga, Luís de Pina foi então um paladino esforçado e entusiasta, a cujo prestigio moral obedecia a força popular dos seus irmãos das oficinas. Fês parte porisso da «Comissão dos Artistas» que nessa época de esturrado *amor á terra*, promoveu manifestações e comícios, desfraldando a bandeira rebelde da «União ao Porto». Amigo das classes trabalhadoras—êle o probo trabalhador de toda a vida—ofereceu o seu melhor concurso á criação da Associação Artistica de Socorros Mutuos, até áquele periodo de intromissão funesta que ia esbarrondando êsse reduto tam sonhado e acarinhado dos velhos proletários vimaranenses.

A sua officina, que foi escola de serrallharia para os da sua classe, concorreu á Exposição Industrial, que Guimarães teve a glória de promover em 1884 e ainda ao certamen de 1910, onde lhe foram conferidos os melhores diplomas.

Mas a característica mais saliente do industrial Luís de Pina estava na inteireza e galhardia do seu caracter. Certo que se todo o homem vale pela porção de bons e dignificadores exemplos que á sua volta espalha, dêle se pode dizer que cumpriu nobremente o seu dever nesta passagem efêmera da vida, pois foi, na familia e na sociedade, um perfeito homem de bem. Espartanamente digno, não curvando a cerviz perante os arrogantes, êle viveu uma vida simples e honesta—tam simples e tam honesta que havendo moirejado tanto, já-mais podera legar a seus filhos outra herança além duma educação vasada nos melhores moldes.

Senhor duma vontade firme e dum espirito claro, Luís de Pina guardava dentro do seu velho arcaboiço uma alma de moço, cheia de fé e de ardor por tudo quanto traduzisse progresso, resgate, emancipação. Assim de resto se justifica porque é que o seu nome se aponta na lista dos que entre nós acorreram ao chamamento patriótico de Alves da Veiga nos preliminares conspiratórios para a revolta do 31 de Janeiro...

Morreu com 77 anos de idade, amparado e querido pelos seus filhos, respeitado e estimado pelos seus concidadãos.

Como preito á memória do honrado industrial e sentimento de pesar a seus filhos, parafraseemos o pensamento augusto do Poeta:—*Ditosos filhos que tal pai tiveram!*

A. L. C.

CONTRASTE

PRIMAVERA O sol a deslumbrar pelo brilho intensissimo do seu misterioso poder illuminante, poder criador, a riqueza, a vida, e ainda poder que ás escondidas, como de colóquio amoroso com a Lua entra nas trevas da noite, banhando de luz duma infinita doçura, o espaço e a superficie da terra. ¡Das de sobrenatural esplendor! ¡Noites de sonho, amor e poesia! Temperatura confortavel e vivificadora; prados e campos de um fundo verde e delicado mastiz multicolor! ¡Melodias de enternecedores gorgeios, risos dos passarinhos na sua lua de mel!...

¡A Natureza despertada dum pesado sono, veste uma fina toilette e convida os homens para um grandioso festim!

Eis o sedutor espectáculo que a Natureza nos oferece nesta formosa quadra primaveril. A tal espectáculo assistem V. Ex.^{as}, pois, no teatro da Natureza, elevados pelo esplendor das scenas, aplaudindo todo esse poema de paz e amor.

Ao mesmo tempo—horriavel verdade!—noutro teatro, no teatro do inferno, representa-se a mais sangrenta tragedia de que ha memoria a qual enche de pavor os seus proprios protagonistas.

O vasto recinto onde se desenrolam essas scenas de fogo a converter-se em caudalosas torrentes de sangue, é illuminado pelo mesmo sol que torna deslumbrante o teatro da Natureza. Pelo mesmo sol que enche de assombrosa beleza o teatro da Natura, mas que cõra de vergonha perante a tragica representação, raivoso por se ver impotente para lhe pôr termo.

Impotente, na verdade, o sol para pôr termo a esse embate de paixão, tã cheio de horrores, como tinto de sangue.

Impotente, porque mais forte! mais intensa é a influencia da vaidade humana, fera indomavel, surda a todos os clamores de piedade e justiça, cega ás desgraças que provoca.

Luz do sol—bençãos de amor, maravilhoso exemplo de igualdade! Coração humano—quartel de ambigões, vaidade e egoismo!

Luz do sol—tesouro de beneficos, exemplo de generosidade!

Coração humano—cauteiro de ervas daninhas, tam prejudiciais a si mesmas!

Luz do sol—doirado bouquet de afagos e caricias; coração humano—diplomata de fino porte, mas muitas vezes de acção pernicioso.

Luz do sol, dai-nos uma primavera florida; coração humano, tu só nos deste uma Pascoa com negras e visinhas sombras de luto e fome.

Desolador contraste!

S.

A guerra actual é o termo duma era e o início duma nova idade humana.

Teófilo Braga.

RECEITAS UTEIS

Para lavar garrafas

Corta-se um papel (mesmo de jornal) em pequenos bocados que se introduzem na garrafa, deita-se agua (até encher um quarto) e agita-se com força.

Não esquecer passar depois a garrafa por agua.

Fica perfeitamente limpa.

Na aldeia pode substituir-se o papel pela parietaria: esta erva tem a propriedade de lavar todos os objectos de vidro, louça, ferro ou zinco.

Higiene da boca

A maior parte das pessoas lava os dentes uma vez por dia, de manhã. Não basta e não é mesmo a hora mais própria. É necessário lavar os dentes e a boca depois de cada refeição. Deve empregar-se para este efeito agua borica ou agua naftolada que cada um perfumará como entender. Os pós dentrificos devem ser antisepticos e preparados por forma a não atacar o esmalte. Duas fórmulas:

Table with 2 columns: Ingredient and Amount. Includes Acido borico em pó (15 gram), Quinquina em pó (15), Bicarbonato de soda (2), Essencia de mento (9), etc.

A antiseptia da boca não só conserva os dentes e as gengivas, mas, destruindo os micróbios da boca, protege contra affecções mais graves.

OUTROS TEMPOS

No ano da graça de 1820, ou melhor, por aquella época, além dos feriados de Setembro e Outubro, 24 a 31 de Setembro, havia mais os seguintes dias de mándria nacional:

- Aniversários natalícios de: 1 Rei (D. João VI), 1 Rainha, 1 Príncipe Rial, 3 Princesas, 4 Infantas

- 20 Dias-santos de guarda, 19 Ditos dispensados, nos quais, podendo trabalhar, havia obrigação de ouvir missa. Em cada freguezia eram dias santos de guarda os dos Oragos das igrejas parochiaes.

- 32 feriados em todos os tribunais, 12 ditos na Relação, 54 ditos nos Auditórios civis, 44 ditos nos Auditórios ecclesiasticos. E, para remate, só o senado de Braga assistia 31 vezes, na Sé, a procissões e outras cerimónias religiosas.

Folhetim

N.º 4

F. Petrucelli de la Gattina

Memórias de Judas

(tradução expressamente feita: direitos reservados)

—Intendamo-nos, disse Manahem. Depois da comunhão, entramos na cidade por três portas, em três colunas, sem insignias e sem armas, para não levantar suspeitas, gritando — Abaixo o aqueducto! abaixo o aqueducto!

Respeito á oblata que é a moeda de Deus e não do povo nem de Cesar!

—Sim, replicou Hannah.

—Apresentamo-nos no Pretorium e pediremos para ver a Pilatus.

—Sim, insistiu ainda Hannah.

—Então, quando Pilatus aparecer e disser que uma comissão lhe vá falar, eu e Moab sairemos da multidão e avançamos.

—Sim, s'ajuntou ainda Hannah.

—Apresentamos um papel a Pilatus.

Ele toma-o, naturalmente abre-o e começa a ler. E' nesse momento

NO CÉSTO DOS PAPEIS VELHOS...

Um médico rebelde

Dom Miguel por Graça de Deos, Rey de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar, em Africa Senhor da Guiné, da Conquista, Navegação e Comercio, d'Ethiopia, Arabia, Persia e India etc, faço saber, que o Bacharel Antonio José de Souza Basto, formado em Medicina me representou ter sido enterinamente provido pelo Juizo da Provedoria de Guimarães no Partido de Medico das Caldas de Vizella, que se achava vago pela fuga do Bacharel Antonio Joaquim Ferreira de Castro por se ter unido ao partido rebelde do Porto: Suplicando a confirmação do dito Partido, constando por informação do Corregedor da Comarca da dita Villa, que o dito partido tinha sido abandonado por aquelle rebelde, e que este tinha seguido a sorte dos outros, e que o Suplente estava servindo bem e que tinha as circumstancias de fidelidade á Minha Real Pessoa, sem suspeita em contrario. Ao que attendendo, e á resposta do Desembargador Procurador da Minha Real Coroa, que deo sendo ouvido:

Hey por bem fazer mercê ao Suplente Bacharel Antonio José de Souza Basto, do Partido de Medicina das Caldas de Vizella, que se acha vago, com todas as obrigações da sua instituição e de rezidir ali em todo aquelle tempo que os Povos as frequentarem para vezitar os doentes pobres, vencendo por tudo o ordenado que lhe está estabelecido, pago da mesma forma que se pagava a seu antecessor. Cumprindo-se esta como n'ella se contem, sendo registada nos lugares devidos, e valerá posto que seu effeito haja de dorar mais de hum anno, sem embargo da ordenação e do L.º 2.º N.º 40 em contrario. Pegou de Novos Direitos sincoenta mil reis que forão carregados ao Rel. d'elles no L.º 2.º de sua receita af. 100 e af. 132 o que constou do conhecimento legado af. 155 e af. 211 do L.º 100 do registo geral. El Rey Nosso Senhor o Mandou pelos Ministros abaixo assignados, do Seu Conselho e seus Desembargadores do Paço. Manuel Joaquim Pereira da Silva afex em Lisboa a dezacete de Ju,

lho de mil oito centos e vinte e nove. Desta oito centos reis e de 3200 trez mil e duzentos reis.

Por Despacho da Meza de Dezembro do Paço de 6 de d'Abri! de 1892,

A GUIMARÃES DE ONTEM

Dum almanaque para 1878: Administrador do Concelho—Bacharel Francisco Pedro Felgueiras. Orado.

Escrivão—Manoel Augusto de Freitas Aguiar, rua de S. Damaso. Juz do Direito—Dr. José Teixeira de Queiroz Botelho Pimentel de Vasconcelos, sua de Santa Maria.

Delegado—Dr. José Maria Pestana de Vasconcelos, Campo da Feira. Periodicos—Imparcial, Religião e Patria.

Advogados—Antonio Leite de Castro, Avelino da Silva Guimarães, Bento Antonio d'Oliveira Cardoso, José Barbosa da Costa Lemos, José da Cunha Sampaio, José Nepomuceno da Silva Ribeiro, Rodrigo de Freitas Araujo Portugal e Rodrigo Machado da Silva Salazar.

Medicos—Augusto de Matos Chaves, Antonio Joaquim Ribeiro de Miranda, Avelino Germano da Costa Freitas, Joaquim Gomes da Silva Reis, Joaquim José Gonçalves Teixeira de Queiroz, José Joaquim Pimentel Lobo, José de Souza Coelho Roma.

Registo Civil

Movimento no concelho de Guimarães, durante o ano de 1915.

Table with 2 columns: Category and Count. Includes Nascimento (2.027), Obitos (1.558), Saldo a favor (469), Casamentos (379)

Na Repartição do Registo Civil encontram-se os archivos parochiaes das seguintes freguezias:

- Abação—S. Cristovão; Airão S. João; Al-dão; Athães; Balazar; Caldas—S. Miguel; Candoso—S. Martinho; Candoso—S. Tiago; Creixomil; Fermentões; Gandarela; Gemeos; Guimarães—Castelo; Guimarães—Oliveira; Guimarães—S. Paio; Infias; Leitões Lobeira; Longos; Lordelo; Mascoteles; Moreira; Paraiço; Pentieiros; Pinheiro; Sande—S. Lourenço; Sande—Vila Nova; S. Torquato; Serzedo; Taboadelo; Tagilde; Vizela—S. Faustino.

Eduardo d'Almeida AVOGADO

Consultorio—Rua de Gil Vicente.

A SEMANA

Souzel (Alentejo) 14

Teatro

D. Afonso Henriques

Ao iniciar as correspondencias desta vila para o Republicano cumpre-me felicitar os seus illustres fundadores pela sua patriótica iniciativa, desejando-lhes muitas venturas e prosperidades.

—Causou aqui mais justificado jubilo e satisfação a absolvição dos nossos correligionarios Srs. Filipe Augusto Moraes, Joaquim José Gois da Silva e José Maria Felizardo, acusados por Ambrózio Eduardo de Carvalho que foi últimamente administrador do Concelho, em Extremoz, durante a ditadura, de em 1913 o terem preso á saída do Club do Circulo Extremocense por espalhar boatos tendenciosos ao serviço dos conspiradores. Este julgamento realisou-se em policia correccional no tribunal da comarca de Extremoz na quarta e quinta-feira passadas. Foi defensor dos nossos correligionarios, o illustre deputado democratico, e nosso amigo, o sur. Dr. Alberto Xavier e advogado do autor sur. Dr. Humberto Fernandes, de Vila Viçosa. Foram violentos de parte a parte os debates, mas afinal triumphou a justiça da causa debatida. Aos nossos correligionarios parabens sinceros.

—Está a concurso o lugar de Chefe de Secretaria da Câmara Municipal, desta vila, com o ordenado de 500\$ escudos e emolumentos da lei.

Tambem se acha a concurso a arrematação da construção do edificio escolar para ambos os sexos desta vila, o qual fica bem situado em um amplo largo e sitio central. Depois de construido ficará sendo um dos melhores edificios, o que concorrerá muito para o aformoseamento do respectivo local outr'ora quasi despresado. A Câmara Municipal já mandou proceder á devida terraplanagem e outros serviços preparatórios e cujos trabalhos proseguem com actividade.

Foi o seguinte o movimento do registo civil durante o ano próximo findo, neste concelho: 233 nascimentos, sendo 123 de varões e de 110 fêmeas; 143 óbitos, sendo 70 varões e 60 fêmeas e 10 nados-mortos e 43 casamentos. No primeiro trimestre do corrente ano houve 70 registos de nascimentos, 32 de óbitos e 5 de casamentos.

—Corre um tempo verdadeiramente primaveril.

—Até breve. Correspondente

Em soirés elegante, o programa das duas sessões de amanhã e primoroso e vê-se que foi confeccionado a capricho. As principais estreias são: «Sonho na idade de pedra», scena cômica em 2 actos, com um entreccho engraçadissimo, e a celebrada peça em 4 actos, do consagrado escritor Magazim «Mistérios do velho castelo», em que mais uma vez o público irá admirar o talento privilegiado dos grandes artistas francezes.

Apuz-nos registar que farão a sua estreia, neste teatro, os artistas italo-espanhoes Los Fornasini, que tantos e tam merecidos applausos tem colhido nas grandes cidades. Estes inegaláveis artistas, que fazem parte da célebre Companhia Garnieri são os unicos neste género, que amanhã, pela primeira, pisam o palco do primeiro teatro desta cidade e que, por certo, merecerão applausos que muito honrarão os artistas que os provocarem e o distinto publico que os dispensarem.

Teatro Gil Vicente

No último domingo fez a sua estreia, nesta casa de espectáculos, a Companhia Dramatica Portuguesa, dirigida pelo popular actor Corrêa Peixoto, levando á scena a opereta em 3 actos «Rosas de Nossa Senhora», cujo desempenho agradou regularmente. O papel de galan, distribuido ao actor Cardoso, encontrou mau intréprete porque mostrou que nenhuma habilidade tem para o palco. Ernesto Freitas comprehendeu bem o seu papel e conservou a fama adquirida. Corrêa Peixoto o mesmo cômico de sempre. Os restantes artistas portaram-se sofredoramente.

A casa estava repleta. Amanhã será representada a revista em 3 actos, «Ai que fita!!!» em que mais uma vez Corrêa Peixoto mostrará o seu valor de artista consumado. Termina com uma apoteose ás nações aliadas que se batem pela civilização, pela justiça e pelo Direito.

Farmácia

Abri!—23—domingo: está aberta a farmácia Alves Mendes, ao Passeio da Independência.

que Moab dum lado, eu doutro, agarramos Pilatus e matamo-lo.

—Eu não o matarei, disse Moab levemente erguendo-se: eu não matarei esse homem.

—O quê! exclamou Hannah deixando sobre Moab os seus olhos dum amarello cinzento, acregalta los.

—Não, voltu Moab com firmeza, não matarei esse homem.

Hannah cravou os dentes enegrecidos nos labios descorados, e não podendo tornar se palido, sendo morto, ficou livido.

—Exultámo-nos, disse, por fim, tremendo de cólera. Os cinco principais partidos do antigo reino de Herodes o Grande não nomearam quarenta delegados para se entenderem sobre o meio de expulsar o estrangeiro da terra de seus pais e do seu Deus?

—Sim, disse Moab.

—Os quarenta del gados não escolheram um conselho de cinco dentre seus chefes e não me nomearam presidente d'esse conselho?

—Sim, é verdade.

—Os essênios não delegaram como um representante Moab bar Samuel de Bethabara? e não assististe ás nossas conferências, não discutiste e aprovaste os nossos planos?

—E' verdade.

—O conselho deliberou começar

—Mas isto é um misterio, disse Manahem, interrompendo, que não é facil de desembrulhar e a shofa do tempo vai soar, as portas fecham-se e nossos irmãos esperam no vale de Josaphath as últimas instruções. Moab recuá, mas eu estou pronto e é quanto basta. Deu-me Deus um braço que os seus inimigos, como os tiranos da nossa terra e os animais ferozes do deserto, temem de ha muito.

—Tomo o lugar de Moab, exclamei eu então...

—Não, não, interrompeu o sagan, não se trata disso. A questão não é dum braço a mais ou a menos, nem se é este ou aquele que vai cumprir uma obra sagrada. Trata-se dum juramento. Ontem todos juraram sobre o Ephod que aquelle que a sorte designasse matariam o tirano da Judéa. H je, um dos sorteados vem dizer nos— eu não quero porque ha uma Ela que o não consente. Que fazemos nós de Deus, do nosso juramento, da nossa palavra, da nossa honra? Que segurança podemos ter do segredo confiado a um homem que a coloca a Ela acima do seu dever?

—Báste, exclamou Moab, avançando para a mesa do sagan. Levantou as suspeitas? a questão está morta. O meu destino lutava contra o meu dever. Falais no nome

de Deus, nada tenho a opôr. Matarei Pilatus e hei de suicidar-me por cima do seu corpo. Adeus. Lfrinjo os preceitos da minha seita que condemnam o sangue [1]; mas expiarei a culpa, matando primeiro a minha alma, que lhe pertence a ela, e depois o meu corpo que era vosso. Vou ao encontro de nossos irmãos.

Partiu e nós ficamos, um momento, silenciosos, sombrios, dolorosos. Foi o sagan que falou primeiro:

—Bem, estamos entendidos. Nada ha a alterar, nada ha a acrescentar ao plano estabelecido. Se alguma novidade sobrevier durante o dia de amanhã, falaremos á noite.

—Eu vou já, acrescentou Manahem, a casa de Josaphath.

Saiu e nesse momento a busina do pastor deu do alto da colina do Templo o sinal de que o sabbath começara. Bar Abbas seguiu Manahem, parando nas salas de baixo onde o ouvimos protestar contra os criados do sagan que lhe não davam de cear como elle queria.

1) Os essênios eram contrários á guerra. Mas, se o país era ameaçado, desinvolviam uma coragem indomavel. Na guerra contra os Romanos, correram em defesa de Jersusalem e tiveram um numero incalculavel de mártires crucificados, lançados nos circos, torturados pelos vencedores. «Salvador, I, pag. 166. Josepho, Guerra dos Judeus, liv. II, capit. II. Antiquidades, livro XVIII, capit. II.

ESTANCIA TERMAL DAS TAIPAS

(Situada a 14 quilometros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termiais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas, (sódicas e cálcicas), cloretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioactivas

AS ÚNICAS AGUAS DO PAIZ PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PÉLE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratorios, digestivos e gènito-urinario; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção de uma Medica

INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA ELECTROTHERAPIA

CLINICOS DA EMPREZA — Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevêdo Fernandes.

ÈPOCA TERMAL--1 de Maio a 30 de outubro

“PROSPERIDADE”

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Maritimos

Sede no PORTO:

RUA DE TRAZ, N.º 7-2.

Agente em GUIMARÃES:

António José Peixoto da Costa

Rua da Republica, n.º 144

DOMINGOS VINAGREIRO & F.ºs




GENEROS DE MERCEARIA
— E —
CONFETARIA

[SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para
casamentos, batizado e soirés

ESPECIAL CAFÉ À CHAVENA
da BRAZILEIRA

CONFETARIA

PARISIENSE

DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros
PORTUGAL PREVIDENTE

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes.

Completo sortido em molduras para quadros.

Papel para forrar casas.

Azulejos e mosaicos.

Artigos para caçadores, e muitos outros artigos
pertencentes a este ramo de negocio.

Drogaria: Fernandes Guimaraes & Irmão, Suc.^{or}

78. R. da Republica — Guimarães

FARMÁCIA NORMAL

Prrça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 1 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmaceuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapeutica.

Ao Ex.^{mo} corpo clínico

AOS SEUS AMIGOS

Ao público em geral

Participam-no

Manuel Jesus de Sousa & C.^a

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranesense

(Publica-se aos sábados)

Ao Cidadão

Internato Municipal de Guimarães

Direcção e administração
autónomas

Instrução primária

Instrução secundária

Música—Pintura.

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranesense

Publica-se aos sábados)

Preço da assinatura

Ano 1\$20 cent.

Semestre \$60 »

Brazil, ano (moeda

forte) 2\$50 »

Numero avulso. \$03 »

Preços das publicações

Anúncios e comunicados, por
linha. 4 cent

Repetição, por linha 2 »

Permanentes, contracto convencional.

Anúncios, não judiciais, para os srs. as
sinantes 25 % de abatimento.